

COMÉRCIO EXTERIOR

CONCORRÊNCIA

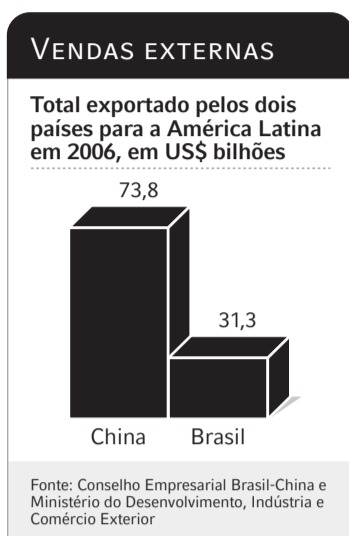
China exporta duas vezes mais à América Latina que o Brasil

Especialistas concordam que não há como mudar o quadro em curto prazo, mas custo chinês pode aumentar, reduzindo a competitividade

SÃO PAULO

Mesmo com a diplomacia regional, o Brasil perdeu sua liderança nas exportações na América Latina (AL) para a China. Um estudo realizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que traçou um panorama do período de 1990 a 2004, diagnosticou que a participação da China no total importado pela AL passou de 0,7% para 7,8%, enquanto a de produtos brasileiros subiu de 5,3% para 6,5%. Para se ter uma idéia, conforme dados do Conselho Empresarial Brasil-China, em 2006 os chineses exportaram um total de US\$ 1,8 trilhão, sendo que 4,1% foi direcionado à América Latina. Ou seja, a região comprou US\$ 73,8 bilhões, sendo que cerca de 80% se tratava de manufaturados, somando US\$ 59 bilhões. No mesmo ano, segundo o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDCI), o Brasil comercializou apenas US\$ 31,3 bilhões com a AL, sendo que US\$ 15,2 em produtos manufaturados.

Nem mesmo em 2007 o desempenho brasileiro conseguiu amenizar esse quadro. Foram exportados US\$ 36,426 bilhões, com US\$ 17,512 bilhões forma-



dos por manufaturados, incluindo bens de capital e consumo.

Para o diretor da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China (CCIBC), Kevin Tang, o avanço comercial do país sobre a América Latina é um processo natural de demanda de mercado. Segundo ele, com o câmbio atual valorizado, fica praticamente irreversível ao Brasil tentar competir agora. “O perfil mostra que o crescimento tem mantido o ritmo nos últimos anos. A China tem feito acordos bilaterais com países da AL que ajudaram a difundir mais produtos”, informa.

Tang acrescentou que o perfil da exportação chinesa é diferente da brasileira, pois tem aproximadamente 80% do seu volume dimensionado em produtos manufaturados. “No curto prazo, dificilmente o Brasil conseguirá diminuir o déficit com a China”, explica o executivo.

O professor de economia André Biancarelli, do Centro de Es-

tudos de Conjuntura e Política Econômica (CECON) do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp), é taxativo ao afirmar que a China é o maior concorrente do País em produtos manufaturados. O especialista salienta que esse cenário tende a se agravar ainda mais como passar dos anos.

Segundo Biancarelli, a nação que mais se beneficiou o enfraquecimento dos Estados Unidos nos últimos anos foi a China, pois os americanos sustentaram anos de déficit comercial com os asiáticos. “Ela entupiu os EUA de seus produtos”, comenta o professor.

Porém, com a redução do crescimento econômico norte-americano, a tendência explicada pelo analista é que a China busque vender seus produtos em outros mercados, conseqüentemente, intensificando mais seu foco para regiões como a América Latina. “Pela pauta de exportação brasileira, o foco para nossos países vizinhos é de venda de conteúdo tecnologicamente mais elaborado, fato que casa com o perfil exportador chinês”, acrescenta.

Apesar de reconhecer a dificuldade de uma solução para o Brasil evitar perdas, o professor disse que saída é intensificar as relações diplomáticas com os países vizinhos. “Medidas de incentivo, como a política indústria anunciada para de melhorar a competitividade, podem ser um fator importante”, informa.

Entretanto, o especialista vê uma “luz no fim do túnel” que pode reduzir a competitividade dos produtos chineses. “Já observa-

→ CUSTO-CHINA

«*Há um aumento da inflação na China, fato que pode encarecer os produtos chineses, que começarão a exportar sua inflação*»

ANDRÉ BIANCARELLI
ECONOMISTA UNICAMP

mos que há um aumento da inflação no país, fato que pode encarecer os produtos chineses que começarão a exportar inflação. Isso sem falar na pressão por melhores salários dos trabalhadores locais, fato que elevará o custo Chinês nos próximos anos”, prevê.

Para finalizar, Biancarelli disse que iniciativas como, o comércio bilateral com Argentina em moeda local, pode ajudar a reduzir mais o custo regional. “Assim, se elimina duas transações cambiais”, conclui.

Entre os produtos brasileiros mais vendidos para a China estão minério de ferro (34,5%), soja (26,3%), petróleo (7,8%) e outros (30,4%). Já os importados de lá são: máquinas ou equipamentos do setor elétrico (34,3%), máquinas ou equipamentos mecânicos (18,6%), produtos químicos e inorgânicos (10,2%) e outros (36,9%). Os dados são do MDCI.

ROBSON GISOLDI

Já publicamos 1.000 reportagens sobre

COMÉRCIO EXTERIOR

Para mais informações sobre esse tema, use nosso buscador nos sites:
www.dci.com.br
www.panoramabrasil.com.br

BALANÇA COMERCIAL

Miguel Jorge prevê queda das importações no próximo ano

Segundo o ministro, o dólar desvalorizado está permitindo que as empresas reequipem as fábricas; ele diz ainda que os custos chineses estão em alta

SÃO PAULO

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, afirmou que o Brasil poderá reduzir as importações em 2009 devido aos altos custos no exterior e também porque as empresas nacionais estão aproveitando a força do real este ano para reequipar suas fábricas.

As importações brasileiras cresceram 44% nos primeiros quatro meses de 2008, em relação ao mesmo período do ano passado, uma vez que o crescimento econômico acelerado e a atual valorização do real encorajam a de-

mandar pelas importações.

“As importações podem cair devido a um aumento nos custos dos países que exportam para o Brasil, especialmente a China”, disse o ministro. “Os preços da China estiveram absolutamente estáveis por muitos anos, mas agora que o país tem obrigações ambientais e os trabalhadores têm mais direitos, o custo da produção ali [China] é mais alto”, avaliou Miguel Jorge.

Se concretizada a previsão de queda nas importações no próximo ano, será o primeiro declínio anual desde 2002 e isso pode me-

lhorar o déficit em conta corrente do Brasil. O balanço de pagamentos, a mais ampla medida de comércio em bens e serviços, pode registrar um déficit neste ano, pela primeira vez desde 2002. A diferença entre importações e exportações se expandiu em março para US\$ 4,4 bilhões, a maior desde outubro de 1998.

Ao mesmo tempo, as empresas brasileiras “começaram a comprar maquinário há dois anos e já se terão modernizado em 2009”, disse Jorge.

Segundo o ministro, as empresas estão pagando até 15% mais este ano para comprar bens da China. A expectativa dele é que as exportações brasileiras aumentem no próximo ano, em parte alimentadas por uma série de medidas anunciadas em 12 de maio

pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O plano deve reduzir a dependência brasileira das exportações de minério de ferro e soja, aumentando as vendas externas de bens de valor agregado, como *software* e cosméticos.

As importações quase triplicaram desde a posse de Lula, em 2003, uma vez que a queda dos custos do crédito interno e a alta do real levaram os consumidores a comprar mais bens estrangeiros. As importações cresceram 32% no ano passado, para US\$ 120,6 bilhões, de US\$ 91,4 bilhões em 2006, enquanto as exportações aumentaram 17%, atingindo o recorde de US\$ 160,6 bilhões, de US\$ 137,8 bilhões no ano anterior, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento.

BLOOMBERG

intensificou seus investimentos no Brasil em setores como infraestrutura e biocombustíveis, com o objetivo de aumentar a exportação de etanol. Lula e Vanhanen assinarão, hoje, acordos nos segmentos político, econômico-cultural e de ciência e tecnologia. Em Brasília, o primeiro-ministro finlandês se reunirá com os ministros de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge; da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende; e Minas e Energia, Edison Lobão.

Ainda na agenda de Vanhanen, está a sua participação Cúpula América Latina-Caribe-União Européia (EU-LAC, na sigla em inglês), entre os próximos dias 16 e 17 de maio.

PANORAMABRASIL

RELAÇÕES BILATERAIS

Merkel nega adição de etanol à gasolina antes do prazo da UE

BRASÍLIA

A chanceler da Alemanha, Angela Merkel, indicou ontem que seu governo não vai antecipar o aumento da mistura do etanol à gasolina. Ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto, a chanceler declarou que a Alemanha vai manter a estratégia da União Européia de elevação da mistura apenas em 2020 e que não poderia antecipar a medida por conta da frota de veículos antigos ainda em circulação.

“Esse assunto depende da sustentabilidade”, afirmou, referindo-se à preocupação da opinião pública e dos partidos que apoiam seu governo com relação ao impacto dos biocombustíveis sobre o desmatamento de florestas tropicais e a oferta de alimentos no mundo. Há cerca de um mês, o governo alemão engavetou um projeto de antecipação, para 2009, do aumento da mistura de 5% para 10% de etanol à gasolina devido a pressões internas.

Durante a entrevista, o presidente Lula emendou que há interesses muito fortes nesse debate e lembrou que o surpreendeu a acusação de que os biocombustíveis eram os responsáveis pelo aumento dos preços internacionais dos alimentos.

Lula criticou a hipocrisia dos que assinam o protocolo de Kyoto, mas sabem que as emissões de gás carbônico advêm do uso do petróleo como combustível. “Parece um tabu”, afirmou. “Todo mundo faz ouvido de mercador. Ninguém quer dei-

xe de usar o petróleo”, completou, para logo em seguida ressaltar para a imprensa alemã que estava falando no momento em que o Brasil descobriu grandes reservas petrolíferas. “Se vocês vierem aqui em dez anos, vão chamar o presidente do Brasil de *sheik*”, arrematou.

Amazônia

A Alemanha está preocupada com a expansão da produção de soja na Amazônia e o conseqüente desmatamento da região. O temor foi manifestado por Merkel. “Temos estatísticas que nos deixam preocupados com relação o desmatamento. Há uma substituição de floresta por plantação de soja”, disse o chefe de governo alemão.

Um dos acordos assinados pelos dois países durante a visita foi justamente para cooperação financeira para preservação da Amazônia. A Alemanha anunciou um financiamento de 40 milhões de euros, no Brasil, para um projeto de cooperação na área de combate Aids e três iniciativas na região amazônica: manejo florestal sustentável, Fundo para Áreas Protegidas e Projeto Áreas Protegidas da Amazônia (Arpa) 2.

Perguntado pela imprensa alemã se o Brasil está disposto a discutir a preservação da Amazônia, Lula se disse aberto ao debate, mas deixou claro que não abrirá mão da soberania do país: “A Amazônia é de fato e de direito de inteira responsabilidade da soberania nacional”.

AGÊNCIA ESTADO

CÂMBIO

Dólar sobe 0,45% após fundo soberano

RIO DE JANEIRO

O fraco fluxo cambial, a decepção dos investidores com a manutenção da meta de superávit primário em 3,8% do PIB, que justificou a disparada de toda a curva de juros futuros e a expectativa de que o Tesouro poderá comprar moeda em mercado para compor parte do *funding* do fundo soberano determinaram a alta do dólar à vista nesta quarta-feira, de acordo com operadores consultados. No fechamento, a moeda subiu 0,45%, a R\$ 1,6635 na Bolsa de Mercadorias & Futuros, e 0,42%, a R\$ 1,664, no balcão.

Tesourarias de bancos e investidores operaram no giro de *day trade* (compra e venda na mesma sessão) e alguns adquiriram moeda — cerca de US\$ 600 milhões à tarde — para liquidação pela *ptax*, o que favoreceu a correção, informou uma fonte. “Também houve algumas operações de arbitragem do mercado à vista com o futuro”. Ajustes de posições compradas no mercado futuro — os 12 vencimentos negociados no viva-voz da BM&F projetaram taxas mais altas — influenciaram ainda o comportamento dos preços à vista.

Como o instrumento para a criação do fundo soberano ainda não está definido, se MP ou projeto de lei, o mercado ainda não estaria contando de imediato com compras pelo Tesouro em mercado para o fundo, através do Banco Central ou de outra instituição, como o Banco do Brasil. É certo, no entanto, que o Tesouro atuará no mercado à vista. Além disso, segundo um operador, a possibilidade de o BB vir a fazer uma emissão externa nos próximos meses — conforme anunciado ontem,

→ EM ALTA

Fraco fluxo cambial aliado a notícias sobre o fundo soberano que o Brasil planeja lançar determinou a alta da moeda norte-americana mercado à vista

embora sem definição de valor nem data —, não deve ter relação com o *funding* do fundo soberano e sim a finalidade de atender a necessidades da instituição, que como o País, já obteve o grau de investimento. “Com o grau de investimento, esse momento é favorável. Pensamos em fazer uma captação ao longo dos próximos meses porque teremos custo mais baixo”, afirmou Aldo Luiz Mendes, vice-presidente de Finanças e Relações com Investidores da instituição, em teleconferência.

No leilão de compra do BC, a taxa de corte ficou em R\$ 1,6619, e a autoridade pode ter adquirido cerca de US\$ 170 milhões, estimou um operador. Na operação, foram apresentadas cinco propostas de quatro instituições financeiras, mas só uma teria sido aceita. As taxas variavam de R\$ 1,663 a R\$ 1,6619, ainda de acordo com operadores.

O ambiente externo afetou pouco os negócios com câmbio doméstico. O dólar caiu ante o euro, mas subiu em relação ao iene. No mercado de moedas, às 16h58, o euro subiu 0,04%, a US\$ 1,5463; e o dólar ganhava 0,40%, a 105,10 ienes. Nos EUA, o índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,2% em abril, ante alta de 0,3% em março.

AGÊNCIA ESTADO

BIOCOMBUSTÍVEIS

Finlândia dá apoio ao etanol brasileiro durante encontro

SÃO PAULO

Se por um lado a Alemanha ainda se mostrou relutante em ampliar a adição de etanol à gasolina, a Finlândia manifestou seu apoio à produção e comercialização do etanol brasileiro, extraído da cana-de-açúcar. A informação foi dada ontem, em São Paulo, pelo primeiro-ministro finlandês, Matti Vanhanen. Ele expressou seu respaldo à produção de etanol brasileiro durante a abertura de um encontro de empresários finlandeses e brasileiros na sede da Federação das Indústrias do

Estado de São Paulo (Fiesp). O Brasil é o maior produtor mundial de etanol à base de cana-de-açúcar e tem feito um grande esforço diplomático para difundir o uso deste biocombustível nos demais países.

O Encontro Empresarial Brasil-Finlândia reuniu empresários brasileiros e finlandeses dos setores de tecnologia ambiental, construção civil, papel e celulose, indústria florestal, reciclagem, mineração, área de educação universitária. Atualmente, no comércio bilateral anual, a Finlân-

dia tem superávit de US\$ 300 milhões em uma corrente comercial de US\$ 1,3 bilhão. O Brasil se destaca como o maior parceiro da Finlândia na América Latina, com 40 empresas instaladas.

As oportunidades destacadas pelos empresários brasileiros focam na dependência finlandesa do comércio exterior, que responde por 40% da produção daquele país, 56,8% dela destinada à União Européia (UE).

Desde a visita do presidente Lula à Finlândia, em setembro do ano passado 2007, o país nórdico